



Variação linguística na escola, **de Joyce Elaine de Almeida e** **Stella Maris Bortoni-Ricardo**

Alexandre do Amaral Ribeiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3714-1176>

E-mail: alexandreamaralribeiro@gmail.com

A dinamicidade inerente às mudanças linguísticas, a diversidade que caracteriza as línguas e as relações intrínsecas entre língua e cultura são, por assim dizer, princípios amplamente aceitos, em especial, no universo acadêmico. Estes princípios, apesar de serem até certo ponto vislumbrados nos meios populares, tornam-se um desafio em termos das relações sociais que permeiam a vida prática. Isto pode acontecer em função da pouca consistência com que são conhecidos e dos mitos que povoam o imaginário popular sobre a língua. Como consequência, esferas importantes da sociedade deparam-se constantemente com a necessidade de repensar suas formas de ser e de fazer, se se propuserem a acompanhar as mudanças sociolinguísticas contemporâneas.

Uma das esferas fundamentais da sociedade é a educacional, dado o seu papel formativo tanto no que diz respeito à construção e à aplicação de conhecimentos teórico-práticos como em relação à cidadania. Neste contexto, cabe olhar mais atentamente para as práticas escolares, relativas à formação discente, e para a formação de professores.

Quando se pensa a formação de professores de língua portuguesa, o papel da escola na formação linguística do corpo discente, as práticas docentes e o contexto social, não se pode duvidar da relevância atemporal de questões que se reconfiguram a cada época. Diferentes campos do saber, sob perspectivas diversas, ora confluentes, ora conflitantes, esforçam-se para entender o que e como ensinar quando se trata de língua tanto materna como não materna.

A história revela iniciativas que visam à superação de concepções e de práticas que, para as demandas sociais de cada época e contexto, mostram-se pouco efetivas ou mesmo inadequadas. Nesse sentido, cabe a todo pesquisador e profissional atuante aprofundar-se, em termos dos fundamentos epistemológicos, no conhecimento e no domínio do objeto estruturante de sua formação e de sua prática. Já Comenius, em 1657, dedicava a sua atenção a pensar estratégias de ensino de línguas que contemplassem diferentes realidades, levando em conta o aluno. De lá para cá, e até mesmo antes, conforme assinalado anteriormente, áreas, como a Educação, a Psicologia, a História, a Linguística, a Linguística Aplicada, dentre outras, vêm se ocupando desse tema.



Esta resenha, de cunho descritivo, apresenta o livro *Variação linguística na escola*, organizado pelas professoras Joyce Elaine de Almeida e Stella Maris Bortoni-Ricardo. Trata-se de mais uma contribuição para os interessados ou aqueles/as que compõem o cenário desenhado até aqui, sendo que desta vez sob o olhar da Sociolinguística Educacional, conforme entendida por Bortoni-Ricardo (2005; 2022).

O conteúdo apresentado reflete os perfis acadêmicos das duas autoras e organizadoras. Joyce Elaine de Almeida é professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP), com pós-doutorado em Linguística (UnB), e desenvolve estudos sobre Sociolinguística Educacional. Stella Maris Bortoni-Ricardo foi professora da Universidade de Brasília (UnB), Doutora em Linguística (Lancaster University), com pós-doutorado em Sociolinguística (University of Pennsylvania), e tem vasta experiência em Linguística e Educação.

Variação Linguística na Escola, em suas noventa e seis páginas, está dividido em duas grandes seções: “Para Fundamental” e “Para Aplicar”. Essa divisão deflagra a intenção das autoras de aproximar os estudos da Sociolinguística Educacional e a realidade escolar, especificamente, em relação às práticas de ensino de língua portuguesa. Em “Para Fundamental”, apresentam de forma direta e objetiva “o aparato teórico necessário para tratar do fenômeno da variação na escola” (p. 9). Em um texto multirreferenciado, destacam fundamentos histórico-conceituais importantes para entender a Sociolinguística Educacional e seus propósitos. Em “Para Aplicar”, compilam trinta sugestões de atividades que podem servir como “ferramentas úteis” a professores comprometidos com “romper com o preconceito linguístico” (p. 8), valendo-se da Sociolinguística Educacional. As sugestões de atividades compõem, de acordo com as autoras, “unidades didáticas”, e foram elaboradas por dez profissionais dedicados aos estudos linguísticos e educacionais, cujas titulações vão da Especialização *Lato Sensu* ao Doutorado na área da linguagem. Além da Introdução, da Bibliografia e da biografia dos autores, o livro traz uma seção de “Respostas”, propostas para as atividades que se encontram em “Para Aplicar”.

A propósito da apresentação do “aparato teórico” que compõe a seção “Para Fundamental”, os temas que organizam a primeira parte da discussão pretendida são basicamente os seguintes: preconceito linguístico, rendimento escolar, ideologias do dom, da deficiência e das diferenças. Em seguida, tomando como ponto de partida os temas anteriores, apresentam a Sociolinguística Educacional. Para tal, as autoras se baseiam nas premissas inerentes ao relativismo cultural, passam pelo conceito de comunidade de fala e chegam a seis princípios que, conforme concepção assumida, devem nortear as ações em Sociolinguística Educacional. Respaldados por esses princípios, vão sendo retomados conceitos como os de norma, oralidade e escrita e variação linguística.

Ao longo de aproximadamente vinte páginas de fundamentação teórica, as autoras apontam caminhos para que os leitores possam se aprofundar nas teorias e nos conceitos apresentados, complementando e ampliando conhecimentos na condição de professores-pesquisadores. Instigam assim a pesquisa e a reflexão, ao tomarem o preconceito linguístico como causa da discriminação de alunos oriundos de classes econômicas desprivilegiadas (ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023, p. 10), incluindo essa relação no processo ideológico que explica o baixo rendimento escolar.



De fato, as considerações das autoras são coerentes com fundamentos que norteiam a Sociolinguística desde o seu surgimento. A leitura do livro remete a todo tempo à ideia de que a língua é um instrumento essencial de socialização, sendo as variáveis sociolinguísticas suscetíveis às variações sociais. As relações de sensibilidade e de conexão entre as variáveis são perceptíveis, dentre outras formas, nos modos como os falantes interagem linguística e comunicativamente. Como resultado, podem criar estereótipos mútuos com base em uma desigualdade de caráter subjetivo.

Essa desigualdade subjetiva encontraria respaldo no julgamento que os falantes fazem sobre suas respectivas maneiras de falar e de se expressar. É nesse sentido que se pode pensar em desigualdade linguística como causa e como consequência da desigualdade social, pois a maneira como cada pessoa se expressa é indubitavelmente uma pista para uma informação social. Se essas pistas forem tomadas como informações categóricas e perderem certa dimensão de neutralidade que a elas deveria ser inerente, atitudes preconceituosas podem servir para ajudar a perpetuar as desigualdades linguística, social e comunicativa.

Retomando a apresentação do livro, pode-se considerar que esse é o ponto de vista que autoras assumem para tratar de processos ideológicos. Para Almeida e Bortoni-Ricardo (2023), o baixo rendimento escolar é provocado pela relação entre preconceito linguístico e discriminação, manifestações de processos ideológicos. As autoras apresentam, nesse contexto, diferentes ideologias que permeiam a escola. A primeira é a “ideologia do dom” que seria oriunda da Psicologia. Embora as autoras não determinem a área específica da Psicologia a que se referem, indicam a prática de aplicação de testes de aptidão e de medida do quociente intelectual como formas de classificação individualizada do rendimento de alunos. A ideologia do dom cria diferentes tipos de desigualdades na escola, porque o rendimento escolar seria determinado por deficiências culturais identificadas nas camadas menos privilegiadas da sociedade.

Alegam que essa ideologia, contudo, cai por terra com o acesso das camadas populares à escola, uma realidade que demanda reflexão sobre as relações entre os resultados do desempenho e os grupos sociais. Essa ideologia é posta em questão quando as autoras prosseguem com suas considerações, apresentando a ideologia da deficiência cultural. Em relação às contribuições, cabe aqui acrescentar que uma incursão nos estudos de Patto (2015) podem alertar para o cuidado de pensar o rendimento escolar como consequência do contexto sociocultural.

Intrinsecamente ligada à ideologia do dom, a ideologia da deficiência cultural, apresentada pelas autoras, é também desconstruída com base nos primeiros estudos labovianos que revelam a assimetria existente na situação social de alunos ricos e pobres (ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023, p. 12). Assim, em consonância com os avanços da sociolinguística, as autoras assumem que a diferença entre crianças pobres e ricas estaria não na capacidade de linguagem, mas na oportunidade de verbalização, o que levará também a refletir sobre desigualdade comunicativa.

A ideologia das diferenças, em uma primeira fase, estava em consonância com os estudos sociolinguísticos, visto que defende a ideia de não haver uma língua nem uma cultura melhor do que a outra. Essa visão remete aos estudos labovianos da década de sessenta do século XX. Para as autoras, porém, essa perspectiva sobre as culturas como manifestação estanque foi supe-

rada pela de um *continuum* que apreende mais adequadamente a noção de distribuição social. Como decorrência, associam a necessidade de alunos se familiarizarem com diferentes práticas culturais à importância do letramento, indicando que é preciso inserir os alunos em um universo letrado para que possam adquirir hábitos culturais relativos a esse universo (ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023, p.13).

A partir desse ponto, começam a apresentar a Sociolinguística Educacional que, para Bortoni-Ricardo (2022), não se diferencia conceitualmente da Linguística Aplicada. Para fazê-lo, retomam três premissas que constituem a base da Sociolinguística: o relativismo cultural, a heterogeneidade linguística e a relação dialética entre forma e função. Dessa maneira, a Sociolinguística assume as ideias de que não há uma cultura nem uma língua superior a outras, não há línguas ou culturas subdesenvolvidas, as línguas não são homogêneas. Ressaltam a ideia de que é preciso focar no uso e na função, e não na estrutura linguística. Cada uma dessas ideias se constitui em premissas que são apresentadas, tomando como referência trabalhos de Bortoni-Ricardo. Instigam o leitor à pesquisa sobre vários assuntos, como o conceito de relativismo cultural, que pode ser aprofundado com a leitura de trabalhos clássicos, como o de Sapir (1968), não referenciado na discussão talvez devido aos limites práticos da proposta.

Em continuidade às contribuições da Sociolinguística Educacional, as autoras apresentam seis proposições inerentes à esfera educacional que servirão para nortear sugestões práticas que o livro traz ao final (ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023, p.16-17). São elas: a escola ensina estilos formais; a escola se ocupa de regras que não estejam sujeitas à valoração negativa; como a desigualdade social seria o principal fator da desigualdade linguística, a escola deve promover o acesso de todos os alunos aos bens culturais; a escola trata de estilos monitorados em situações de letramento; ao descrever a variação sociolinguística, não se deve dissociá-la da análise etnográfica; e à variação linguística deve se dar amplitude social, implicando o processo de conscientização crítica de professores e alunos. Cabe ao leitor buscar em textos fundadores da área da Educação e da Sociolinguística, na legislação educacional vigente e nas orientações das instituições escolares, como as constantes em Projetos Políticos Pedagógicos, como analisar as proposições colocadas e pensar a sua aplicação às práticas escolares. Isso porque convocam a pensar a escola e como essa deve promover o ensino da língua como um bem cultural.

O acesso a esse bem cultural, na perspectiva da Sociolinguística, promoveria o “apoderamento das normas de prestígio social”. Há aí um detalhe: esse apoderamento não é possível quando mantida a lógica da desigualdade. É preciso adotar a concepção de contínuo linguístico, abandonando a ideia de “certo” e “errado” no ensino de Língua Portuguesa na escola. As autoras consideram os contínuos linguístico como linhas imaginárias sintetizadas, são eles: o de urbanização, incluindo o neologismo “rurbazinação”, que se refere ao contínuo rural e urbano; o contínuo oralidade e letramento; e o de monitoração estilística, sendo o interlocutor a variável mais relevante nos processos de escolha do estilo.

Os contínuos, quando integrantes da metodologia de ensino a que aludem as autoras ao defender a aplicação de princípios da Sociolinguística Educacional ao ensino de língua portuguesa, levam discentes e docentes à reflexão sobre a existência de várias normas, na sociedade brasileira, que servem de fator de identificação sociocultural. Essa reflexão é imprescindível para



a sociedade brasileira que, como reafirmam as autoras, não reconhece a diversidade linguística, admitindo a norma-padrão, expressa na gramática normativa, como única e invariável. Fica o convite aos leitores, para analisar de forma reflexiva e crítica a realidade apontada pelas autoras, considerando contextos diversos e contemporizando generalizações.

Não há dúvidas de que assim será possível ao leitor ampliar o seu entendimento sobre variação linguística e o seu lugar no ensino de língua portuguesa. As autoras oferecem mais subsídios para essa ampliação de entendimento aqui referida, na medida em que recorrem a pensadores basilares, como Labov, Calvet e Meillet (citados por ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023, p. 22), para tratarem do assunto, alertando que a variação é uma característica intrínseca às línguas e, ao mesmo tempo, motivada socialmente. Sobre os tipos de variação mais reconhecidas apresentam a histórica, a geográfica, a social e a estilística. Os exemplos que auxiliam a entender cada uma delas representam generalizações, como dito anteriormente, necessárias aos estudos acadêmicos, e que incentivam a pesquisa e a atualização.

Além desses tipos de variação, trazem as contribuições de Castilho que propõe as variações individual e de canal. O autor citado também trata de classificação temática, que daria conta de pensar a variação no âmbito de assuntos do cotidiano e de assuntos especializados. Dando mais consistência às relações que estabelecem entre as variações linguísticas e o ensino de língua portuguesa, as autoras acrescentam o conceito de *variação diamésica*, que se refere a diferenças entre a língua falada e escrita.

A esse respeito, finalizam a parte teórica falando da possibilidade de um contínuo entre oralidade e escrita para eventos comunicativos. Alertam para a necessidade de desconstruir a relação “escrita-formalidade” e “oralidade-informalidade”, com a ajuda da ideia de contínuo. Terminam a seção “Para fundamentar”, indicando que o papel do professor de língua portuguesa é o de “levar o aluno ao contato com diversos gêneros orais e escritos, propiciando a percepção da adequação da linguagem a cada evento de comunicação” (ALMEIDA; BORTONI-RICARDO, 2023, p. 28).

Como forma de subsidiar a proposta do livro, chegam à seção “Para Aplicar”. Nela sugerem atividades que visam a inspirar professores em sua prática docente, na perspectiva de uma educação sociolinguística. As atividades sugeridas compõem, de acordo com a visão das organizadoras – nesta seção, especificamente –, uma proposta didática. Não fica clara a concepção de “proposta didática”, uma vez que as atividades, ainda que separadas por unidades temáticas, são apresentadas de forma independente e sem explicitação de objetivos. As atividades trazem dicas para embasar possíveis comentários dos professores, quando da sua aplicação em aula. Caberá a cada leitor aproveitar a variedade das atividades sugeridas e adequá-las a contextos, a objetivos e, em especial, integrá-las a um plano de aula. Ao final do livro, há uma seção de respostas que também pretende orientar os professores na aplicação das atividades elencadas na “proposta didática”.

Ao final desta resenha, ratifica-se a relevância da temática do livro *Varição linguística na escola*, sugerindo-se a sua leitura. Não há dúvidas de que o conteúdo inspira à reflexão e à pesquisa, abrindo caminhos para um ensino de língua portuguesa mais comprometido com a variação linguística.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Joyce Elaine de; BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Variação linguística na escola**. São Paulo: Contexto, 2023.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; SILVA, Kleber Aparecido. Sociolinguística Educacional: uma entrevista com Stella Maris Bortoni-Ricardo. **Linguagem em (Dis)Curso**, v. 22, 2022, p. 2019-231. DOI: <<https://doi.org/10.1590/1982-4017-220114-9221>>.
- COMENIUS, Iohannis Amos. **Didática Magna**. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001 [1657].
- DEVEREAUX, Michelle; PALMER, Chris. C. **Teaching language variation in the classroom: strategies and models from teachers and linguists**. Nova Iorque, EUA. Routledge Taylor & Francis Group, 2019.
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 1984.
- PATTO, Maria Helena de Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.
- SAPIR, Edward. "The status of linguistics as a science". *In: Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture and Personality*. Berkeley: University of California Press, 1968.

